

MEMÓRIAS DE UMA PROFESSORA PRIMÁRIA: RELATOS DE UMA VIDA PESSOAL E PROFISSIONAL

Laís Lilia Santos da Costa*

Valdines Jales de Oliveira**

Edinária Marinho da Costa***

**Discente do Curso de Pedagogia pela Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP).
E-mail: esdras_sena@yahoo.com.br*

***Discente do Curso de Pedagogia pela Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP).
E-mail: oliveira.nelma@hotmail.com*

**** Professora da Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar (FACEP).
E-mail: edinaria_marinho@hotmail.com*

Resumo: O presente trabalho surgiu a partir das discussões das disciplinas Metodologia da Pesquisa Científica e História da Educação, ministradas no 1º período do curso de Pedagogia, na Faculdade de Evolução Alto Oeste Potiguar - FACEP. Objetivamos neste trabalho registrar e apresentar por meio de narrativas (auto)biográficas a trajetória de vida pessoal e profissional da professora primária Alaíde Maria da Costa que lecionou de 1958 a 1989 nas comunidades rurais localizadas no município de Apodi/RN. Tivemos como suporte teórico para os estudos em história da educação, as pesquisas de Saviani (2008) e Stamatto (2002); e no campo da pesquisa (auto) biográfica as contribuições de autores como Nóvoa (2007), Souza (2007) e Josso (2010). Os resultados mostraram que a trajetória dessa professora primária está marcada pela história de lutas, conquistas, abnegação e sentimentos amorosos pela profissão. Sua história ajudou a mudar e inspirar outras histórias de vida nos espaços em que ela lecionava.

Palavras-Chave: Trajetória de Vida. Narrativas (auto)biográficas. Professora Primária.

Introdução

Este Trabalho foi motivado pelas discussões construídas nas disciplinas Metodologia da Pesquisa Científica e História da Educação, ministradas no 1º período do curso de Pedagogia, no semestre 2016.1, na Faculdade Evolução Alto Oeste Potiguar. As experiências realizadas proporcionadas por esses dois componentes curriculares nos ofereceram a oportunidade de pesquisar e compartilhar em sala de aula as histórias de vida, trajetória profissional, memórias, narrativas, cultura escolar e práticas pedagógicas de diferentes professoras primárias aposentadas que fizeram história no magistério público entre as décadas de 1950 e 1980 no município de Apodi, cidade interiorana do Rio Grande do Norte.

Assim, o objetivo central deste trabalho é registrar e apresentar por meio de narrativas (auto)biográficas traços da trajetória de vida pessoal e profissional da professora primária Alaíde Maria da Costa que esteve a serviço do magistério público nos idos de 1958 a 1989. É

oportuno salientar que nas linhas posteriores seguem apenas pequenas partes do que conseguimos captar de uma história mais longa e singular.

A metodologia adotada esteve orientada pela abordagem (auto)biográfica, com foco na história de vida, com base nas perspectivas de autores como Souza (2007), Nóvoa (2007) e Josso (2010). Como afirma Souza (2007, p. 21) “o pesquisador que trabalha com narrativas interroga-se sobre suas trajetórias e seu percurso de desenvolvimento pessoal e profissional, mediante a escuta e a leitura da narrativa do outro”. Entendemos que o trabalho biográfico é como um trabalho de reflexão que oportuniza os sujeitos narradores recordarem as suas experiências mais significativas construídas ao longo da sua trajetória de vida (JOSSO, 2010). Assim, acreditamos que os sujeito se desvela, se reconstitui, se reconhece na história, à medida que narra seus percursos e experiências.

Com base nessa abordagem de investigação, elaboramos inicialmente um projeto de pesquisa, depois um roteiro de entrevista organizado por eixos temáticos: vivências escolares e pessoais; ingresso e carreira no magistério e o saber-fazer pedagógico. As entrevistas foram gravadas, posteriormente, transcritas e concedidas a publicação pela professora narradora.

A presença histórica da mulher na profissão docente

Desde as primeiras iniciativas de educação formal no Brasil, com a chegada das ordens religiosas na colônia representadas pelos jesuítas e também pelo franciscanos, que a formação cultural era uma questão restrita à elite branca e masculina. De acordo com Stamatto (2002, p. 02) “as mulheres logo ficaram exclusas do sistema escolar estabelecido na Colônia. Podiam, quando muito, educar-se na catequese. Estavam destinadas ao lar: casamento e trabalhos domésticos, cantos e orações, controle de pais e maridos”.

Neste período, a mulher era educada para as atividades do lar e da vida religiosa, que exigiam qualidades de boas mães e esposas. A mulher assumia uma posição de subserviência à cultura masculina e parecia não se incomodar com o seu papel social imposto pela sociedade da época.

No contexto das reformas pombalinas, após a expulsão dos jesuítas em 1759, crianças e jovens do sexo feminino provenientes da elite, começam a frequentar a escola. Aparece também a possibilidade de ingresso da mulher no magistério público. Em 1772, a administração pombalina empreendeu a Reforma dos Estudos Menores, a Diretoria Geral de

Estudos e o sistema de aulas régias, pagas pelo subsídio literário. Surgia, assim, a figura do professor público. (SAVIANI, 2008).

No Brasil imperial foi implementada a lei de 15 de outubro de 1827, conhecida como Lei Geral, que determinou a padronização de escolas de primeiras letras em todas as províncias. Segundo Stamatto (2002) esta lei veio para contemplar a discriminação da mulher, tanto enquanto aluna como mestra, uma vez que deixou brechas para que a mulheres recebessem um salário inferior ao que era pago aos homens. A lei também determinou a nomeação de mestras brasileiras de “reconhecida honestidade”.

A predominância feminina no magistério ocorre no início do século XX, época de hegemonia dos grupos escolares como modelo moderno de escola urbana, pública e primária, criada segundo os moldes do ideário republicano.

No caso do Estado do Rio Grande do Norte, na primeira metade do século XX, as mulheres eram, cada vez mais, convidadas a exercer o ofício no magistério, em decorrência das queixas dos homens referentes à remuneração baixa, que resultou no afastamento da presença masculina e dos mestres habilitados. Para Holanda e Pinheiro (2002, p. 05) esses acontecimentos foram importantes para as mulheres conquistarem sua liberdade e seu espaço, “porque ao designá-las para a função de professoras, o governo se viu obrigado a fornecer-lhes uma educação condizente com a profissão que exerceriam”.

Resultados e discussões

Acesso à docência e início de uma carreira no magistério

Logo após ter concluído o ensino primário, em 1954, Alaíde Maria da Costa iniciou os primeiros passos na docência com aulas de reforço na sua residência. No ano de 1958 solicitou, juntamente com sua mãe Maria Tomazia, ajuda ao ex-prefeito Lucas Pinto, na época tio do atual prefeito de Apodi/RN, o Sr. João Pinto, que governou de 1958 a 1963. Suas narrativas denunciam que naquele tempo as escolas eram construídas através das influências políticas no local. Ou seja, a instalação de uma escola primária na comunidade rural resultava de acordos políticos entre governantes e eleitores, e não do reconhecimento da necessidade de oferecer formação cultural para os mais jovens.

Dona Alaíde conta que o prefeito só concedeu a criação de uma escola na sua comunidade, Sitio Ponta D'água, tendo ela como professora primária e responsável pela organização do estabelecimento, porque ela e seus familiares foram seus fiéis eleitores. Do

contrário, certamente, Alaíde Maria da Costa não teria se tornado oficialmente professora. A escola, depois de quatro anos, foi denominada “Escola Isolada Ponta D’água”. Esse modelo de escola, por longas décadas na história do ensino público primário, permaneceu como principal e único na zona rural, e geralmente se instalava nas casas das próprias professoras primárias. Essa forma de organização escolar primária era organizada por uma só turma, entregue a um só professor (SAVIANI, 2008).

No ano de 1959, Dona Alaíde se casa com o Sr. Geraldo Gomes da Costa natural de Apodi/RN, nascido em 27 de março 1938. Segundo ela, Sr. Geraldo, seu grande companheiro de todas as histórias de lutas e superações.

Práticas e relações pedagógicas

A professora primária, Alaíde Maria da Costa, nasceu no dia 14 de abril de 1939 na comunidade rural Ponta D’água, localizada na cidade de Apodi/RN, onde viveu toda a sua infância e adolescência. Neste lugar, trabalhou por muitos anos como professora de turma multisseriada, formada pela 1ª, 2ª e 3ª, séries. Ao narrar sobre as condições materiais da escola, Dona Alaíde recorda: “os bancos eram feitos de carnaúbas e também tinha quadro negro e giz. Quando não dava para todos os alunos se sentarem nos bancos ficavam no chão mesmo”.

O recurso didático mais utilizado pela professora no processo de ensino da leitura e da escrita era a antiga Cartilha “Aza Ema”, a partir da qual ela desenvolvia métodos de leitura de marcha sintética (da parte para o todo). Essa forma de ensino da leitura ficou conhecida na história da alfabetização pelo emprego dos métodos alfabético (soletração), fônico e silabação, considerados como antigos e tradicionais. A professora revela também que quanto à escrita, esta era uma questão de cópia e caligrafia.

Além das atividades de leitura e escrita, era bastante enfatizado no cotidiano da sala de aula, o conteúdo e a memorização da tabuada. O aluno precisava aprender as quatro operações. A maneira da professora avaliar seus alunos era através do comportamento e rendimento escolar testado por provas.

Dona Alaíde lembra que na época os alunos que ela considerava mais adiantados nos estudos faltavam muito as aulas, pois seus pais preferiam que eles trabalhassem na roça para ajudar nas despesas da casa. Dona Alaíde afirma: “a maioria dos pais achava uma perda de tempo estudar e que seus filhos teriam mais futuro trabalhando na agricultura e fazendo

tijolos”. Esta narrativa revela o contexto de uma época marcada pela ausência de otimismo por parte dos pais na educação formal como via de ascensão social para seus filhos.

Com relação à ordem disciplinar na sala, Dona Alaíde afirma: “não era necessário utilizar os castigos físicos, nem falar muito, pois as crianças era obedientes. Naquela época o aluno respeitava o professor”.

Além do compromisso com a docência, ela também era responsável pela organização pedagógica e administrativa da escola. Não havia nenhuma outra pessoa que a auxiliasse. Ela também diz que no começo não existia merenda escolar ofertada pelo governo. Eram os alunos, com a ajuda da professora, que assumiam essa tarefa de adquirir algo que pudesse se transformar em alimentação escolar.

Dona Alaíde enfatiza que apesar das dificuldades do dia a dia, da vida pessoal e profissional, era gratificante poder ensinar para aquelas crianças e jovens o que ela sabia. Afirma que tinha muito amor por seus alunos e profissão e, ainda, que se sentia realizada ao ver a evolução de cada um deles.

Em 1969, Dona Alaíde muda de endereço para a comunidade chamada “Sitio Bico Torto” e leva com ela o encantamento pela docência e também o nome e a cultura da Escola Isolada Ponta D’água que passou a funcionar na sua mais nova residência. Nesse período, a escola da professora passou a receber recursos para a distribuição da merenda escolar, aumentando assim a sua carga horária de trabalho. A professora passou a revezar entre a docência e o preparo da alimentação dos alunos, bem como com a vida de esposa, mãe e dona do lar.

Com o passar do tempo, chegaram na cidade cursos de capacitação para preparar professores leigos, isto é, docentes sem formação para o magistério, como era o caso de Dona Alaíde. Entre eles, a professora destaca o Logos II que se tratava de um curso de formação a nível de 2º grau para formar professores leigos de alguns estados brasileiros, sobretudo, do nordeste. A professora lamenta por não ter conseguido concluir o Logos II, em decorrência das diversas dificuldades que ela enfrentava na época. Ela relembra que participava apenas de cursos de curta duração, mas que também existiam muitas dificuldades e desafios.

No ano de 1989, depois de 40 anos de serviço ao magistério, Dona Alaíde se aposenta e passa a cuidar somente das atividades do lar. A professora primária aposentada nos deixa a lição de que o amor no passado pela profissão lhe traz no presente profundas alegrias, satisfações e a sensação de missão cumprida. Apesar das dificuldades, características da época

vivida no sertão nordestino, seu amor pela docência transformou sua vida e de muitos jovens da sua comunidade. Para ela, seu esforço, dedicação, saberes e valores transmitidos sempre com afeto, foram determinantes para o êxito na sua profissão e o futuro de seus alunos.

Considerações finais

As narrativas da professora primária, Alaíde Maria da Costa, revelam particularidades de um cotidiano da sala de aula, métodos de ensino, relações pedagógicas, limites da profissão docente que representam a história e cultura escolar de uma escola isolada de uma determinada época. Assim, a reconstituição da memória professora primária nos possibilitou um olhar sobre as práticas, a formação e trajetória docente que no passado nortearam a educação cultural de gerações. Esse processo da rememoração de um conjunto de experiências é revelador e confirma a relação indissociável da história de vida pessoal com uma história de vida profissional (NÓVOA, 2007). Ambas caminham juntas, uma dando suporte a outra.

O presente trabalho nos proporcionou, também, novas descobertas históricas referentes aos trajetos da educação e das vivências da professora primária no magistério, encarado por ela, e talvez por outras de seu tempo, como uma missão pedagógica/sacerdócio, que esteve sustentada pelo sentimento de amorosidade e doação ao ofício de ensinar e educar.

Referências

HOLLANDA, V. X. T. de; PINHEIRO, R. S. L. **A atuação de professoras na expansão do ensino no RN (1910-1920)**. In: II Congresso Brasileiro de História da Educação. **Anais...** Natal: Editora Núcleo de Arte e Cultura da UFRN, 2002.

JOSSO, M.-C. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, A. Os professores e as história de vida. In: NÓVOA, A. (Org.) **Vidas de professores**. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2008.

SOUZA, E. C. de. Abordagem experiencial: pesquisa educacional, formação e histórias de vida. In: **História de vida e formação de professores**. SEED, MEC, Boletim, 2007, p. 14-22.

STAMATTO, M. I. S.. Um olhar na História: a mulher na escola (Brasil:1549-1910). In: II Congresso Brasileiro de História da Educação, 2002, Natal. **Anais...** Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2002.